

Espaço, migração, comunicação*

Shaun Moores

INTRODUÇÃO

Em anos recentes, venho trabalhando com questões sobre espaço, perguntando qual a melhor forma de conceituar espaço e como melhor investigá-lo empiricamente. Nesse movimento, tenho me deparado com respostas – ultimamente, embora não acriticamente – fenomenológicas. Isto é, uma compreensão fenomenológica sobre espaço concebida de forma prática e experimental. Tal compreensão envolve atenção, em particular, para as dimensões corporais e emocionais do “fazer-espaço” em ambientes cotidianos. Na busca da melhor maneira de investigar espaço empiricamente – ou, mais especificamente, como melhor investigar a criação de espaço –, tenho tido que aceitar que é uma difícil tarefa por causa dos diversos sentidos de espaço que frequentemente e desatentamente são concebidos no senso comum. Talvez as melhores oportunidades para se trazer à tona se dão quando as rotinas do dia a dia são desarrumadas de alguma maneira, e quando as pessoas sentem que elas estão fora de lugar.

Eu tive a impressão de que uma oportunidade para investigação pode ser oferecida pela migração internacional – uma impressão baseada em parte pela minha própria experiência de mudar para a Austrália durante um tempo, antes de retornar a viver na Grã-Bretanha –, e por esta razão, tenho estado envolvido num projeto de pesquisa qualitativa que está focado diretamente nas relações entre migração e criação de espaço.

Este projeto foi planejado para mapear algumas das práticas e experiências de migrantes contemporâneos trans-europeus que têm mudado para a Grã-Bretanha desde a entrada dos países do leste na União Europeia, seguindo uma expansão significativa da União Europeia em 2004. Minha colaboradora no projeto foi Monika Metykova, que é ela mesma uma migrante trans-europeia.¹ Ela conduziu extensas entrevistas com 20 migrantes durante o período entre 2006 e 2007. Todas as entrevistas eram com pessoas entre 18 e 34 anos, das quais – pelo menos oficialmente – a vasta maioria veio no período pós-2004.

É interessante notar que uma das nossas preocupações tem sido com os usos das tecnologias de comunicação, e com a presença da mídia – junto com os meios físicos – em

* Este artigo é baseado em uma apresentação como convidado pelo plenário de Mídia 2009, comunicação e conferência da Associação de Estudos Culturais da Universidade de Bradford.

¹ Monika trabalhou comigo como pesquisadora de pós-doutorado na Universidade de Sunderland, e agora é pesquisadora associada na Goldsmiths College, Universidade de London. Foi coautora da discussão de nosso projeto e parte em busca de conclusões futuras.

situações do cotidiano. Acredito que já há uma gama de pesquisas sobre comunicação e migração transnacional, especialmente sobre mídia e diáspora. Entretanto, há ainda poucos trabalhos nesta área que se concentram, como tem feito a nossa pesquisa, em práticas e experiências no período imediatamente após a migração.

ENCONTRANDO PETRA

Eu apresentarei agora alguns fragmentos iniciais do material empírico do projeto em que Monika e eu temos trabalhado. Estes fragmentos vieram de uma entrevista com uma mulher húngara chamada Petra. Ela vivia em Londres há 18 meses quando a entrevista foi gravada no início de 2007, tendo se mudado de Budapeste, e trabalhava como babá.

Na chegada, Petra achou que viver em Londres era estranho e alienante. Havia muitas razões para isto, desde o modo de olhar para a rua pela direção contrária – “certa vez eu quase fui atropelada”, disse ela –, até ser tratada “com desdém” pela primeira empregadora. Depois de um ano e meio, no entanto, ela reflete sobre a crescente familiaridade com partes de Londres em que ela costuma ir a pé ou por transporte público, e em relação a isso conhecer como circular; também reflete acerca da emergente afetividade em relação ao ambiente urbano. Petra explica:

Não é mais como “meu Deus, eu quero sair daqui. Como faço isso?” Eu sei como fazer isso. Eu sei circular... Foi muito bom porque meus pais me visitaram.... Eu pude mostrar a eles isso e aquilo. Eu andei com eles de metrô e meu pai me disse que estava orgulhoso de como eu pude lidar com esta enorme cidade, que ele estaria perdido... é uma sensação tão boa... de algum modo, eu me considero uma “londoner”.

Além da crescente familiaridade com – e um sentimento por – sua nova cidade, ela se tornou consciente da sua crescente ligação afetiva por Budapeste. Realmente, essa consciência era aumentada pela distância física da cidade em que ela costumava viver. Petra conta uma história, então, sobre ir a uma agência de viagens para marcar uma viagem de volta para Budapeste, dizendo: “Recentemente eu estive na Malev Airlines para comprar uma passagem. O escritório está cheio de fotos de Budapeste, e havia um rapaz inglês me dizendo para voltar e ter momentos nostálgicos quando quisesse.” Geralmente, meios de comunicação ajudaram-na a manter contato – ou pelo menos proximidade – com pessoas e acontecimentos na Hungria. Por exemplo, ela fala sobre manter uma rotina de telefonemas para uma amiga de Budapeste, e comenta que ela e duas amigas de apartamento húngaras iriam regularmente checar a internet em busca de “notícias de casa”, e acrescenta: “nós estamos sempre em casa vendo as notícias de casa”.

Esta é apenas uma pequena amostra de algumas das práticas e experiências reportadas por Petra, através da qual eu demonstrei a ela a mudança no envolvimento corporal e emocional com vários ambientes, mas que servem para chamar a atenção para quatro temas que atravessam esse material empírico do projeto. Os temas são os seguintes: 1) As primeiras impressões dos migrantes

trans-europeus na chegada à Grã-Bretanha; 2) a gradual emergência de sentidos sobre o espaço; 3) reflexões baseadas no tido como garantido, pautadas pela necessidade de dar sentidos ao lugar da nova moradia; 4) o alcance facilitado pelo transporte trans-europeu e ligação com a comunicação. Retornarei a estes temas num estágio mais avançado deste artigo, com mais referência aos dados da entrevista.

REFAZENDO O CAMINHO

Antes de aprofundar a discussão do projeto, interessa-me refazer o caminho. Desejo indicar, brevemente, como esta pesquisa colaborativa se relaciona com meu trabalho anterior. Eu também quero explicar como meu trabalho deu uma virada fenomenológica.

O principal ponto de conexão entre o que eu venho trabalhando e o que fiz anteriormente é um persistente interesse em práticas e experiências do cotidiano. Meu interesse no cotidiano remonta a meados dos anos 80, quando, no final do último ano de graduação em estudos de mídia na Polytechnic of Central London – agora a Universidade de Westminster – eu escrevi uma monografia orientada por Paddy Scannell, a qual tratava de uma história oral sobre a participação do rádio no cotidiano.² De fato, eu acredito ser justo afirmar que um número de tantos outros interesses se manteve comigo desde quando escrevi a monografia. Eu estava então, e ainda estou, interessado em separar hábitos cotidianos que passam despercebidos e explorar suas formações. Eu estava à época, e ainda estou, interessado basicamente em questões geográficas, compreender arranjos temporais e espaciais do cotidiano. Finalmente – sem estar apto, contudo, para articular nestes termos naquela época – eu estava, e ainda estou, interessado no que David Morley (2007, p.200) chama de “estudos de mídia não midiacentrados”, estando muito atendo aos usos das tecnologias da comunicação que enfatizam um enfoque no alargamento do processo social.

Sendo um ex-estudante de Scannell, eu estava bastante atento à virada fenomenológica em meados dos anos 1990, a qual era evidente em seu livro, *Radio, Television and Modern Life* (Scannell, 1996). Minha avaliação sobre a análise de Scannell acerca da cobertura – cotidiana, pronta – tinha já sido oferecida em outros lugares (ver especialmente Moores, 2004, 2005). Eu não os repetirei aqui, mas há uma particularidade em suas análises que vale a pena revisar no contexto deste artigo. Eu estou pensando em sua escolha implícita por uma metáfora para os meios ambientes do rádio e da televisão, quando ele afirma que telespectadores e ouvintes aprendem a encontrar ‘o seu caminho acerca’ da programação apresentada (Scannell, 1996, p.8). Isso me ajudou a pensar mais genericamente sobre caminhos ao longo dos quais, no curso da vida cotidiana, pessoas podem rotineiramente habitar ambientes midiáticos – sabendo como circular e

² Uma versão abreviada desse texto foi publicada como artigo em 1988 em *Media, Culture and Society* e recentemente foi reimpressa como uma antologia de escritos sobre rádio (Moores, 2009).

sentir em casa nesses ambientes – como se eles simultaneamente habitassem ambientes físicos.

As ideias de Scannell tiveram influência em mim, embora minha própria virada para a fenomenologia tenha sido mais bem lapidada pela condução do trabalho de Roger Silverstone. No seu livro, *Television and Everyday Life* (Silverstone, 1994, p.26-28), há três páginas nas quais Silverstone – cuja primeira graduação foi em Geografia – se refere à perspectiva que inicialmente desenvolveu naquela disciplina durante os anos 1970. Esta perspectiva estava associada com estudos de geógrafos como Edward Relph (1976), Yi-Fu Tuan (1977), David Seamon (1979), e Anne Buttimer (1980), todos que estavam desenhando a tradição da filosofia fenomenológica em suas tentativas de entender percepções ambientais e sentidos de lugar.³ Seamon (1980) emprega o termo “geografia fenomenológica” para descrever o tipo de aproximação que eles estavam tomando, e uma característica distintiva de sua aproximação consistia no entendimento de lugar como algo constituído por práticas e experiências cotidianas – por habitação ou casa (ver Casey, 2001) – em oposição à percepção de lugar como simples localização geográfica. Em outras palavras, a criação de espaços envolve afazeres cotidianos e sentimentos que dão ao local uma qualidade de habitado.

Apesar de Silverstone fazer referências a alguns geógrafos da fenomenologia, eles ainda são raramente citados em estudos de mídia. No últimos anos, houve apenas poucas passagens sobre os livros de Relph e Tuan por Morley (2000), Nick Couldry (2000), Terhi Rantanen (2005), e John Tomlinson (2007). Quando questões sobre tempo, lugar e espaço são discutidas em estudos de mídia – e aliadas ao campo da comunicação e estudos culturais –, é mais usual encontrar referências a já conhecidos teóricos sociais e culturais como David Harvey (1989), Anthony Giddens (1990), Doreen Massey (1994), e Manuel Castells (1996). Realmente, eu cheguei até esses teóricos contemporâneos, entre outros, antes de estar engajado com a geografia fenomenológica. Ainda nenhum deles – nem mesmo Massey com suas valiosas ideias sobre globalização e sentidos de lugar – lida com as bases corporais e emocionais características da criação do lugar cotidiano.

GEOGRAFIA FENOMENOLÓGICA

Deixe-me tentar explicar um pouco mais, então, sobre o que eu acredito ser útil na literatura da geografia fenomenológica. Provavelmente o melhor modo de fazer isto é destacando uma série de relações próximas, conceitos-chave – “movimentos cotidianos”, “corpo-sujeito”, “sentido-sujeito”, “familiaridade”, “interioridade existencial”, e “exterioridade existencial” –, os quais informaram o projeto de pesquisa em que Monika e eu colaboramos.

O livro de Seamon, *A Geography of the Lifeworld* (1979), começa com uma detalhada consideração sobre o que ele chama de momentos do cotidiano. Ele destaca uma série de

³ As principais referências são Merleau-Ponty (1962), Bachelard (1969), e Heidegger (1971).

movimentos físicos que são elementos rotineiros de “espaço-tempo” – de pequenos rituais domésticos através do que ele denomina “movimentos do ambiente ao ar livre” (Seamon, 1979, p.33), como dirigir ou caminhar – todos largamente habituais. Tomando emprestado pensamentos de Maurice Merleau-Ponty, em *Phenomenology of Perception* (1962), Seamon nota que estes estão vinculados ao consagrado “conhecimento pré-reflexivo”, e emprega a noção de Merleau Ponty de corpo-sujeito em sua discussão sobre os movimentos do cotidiano. Deveria estar claro pelo que disse até agora que eu quero estender estas considerações de movimentos do cotidiano, para incluir o que eu chamo de *movimentos de rotina em ambientes midiáticos*. Eu estou pensando em contornar termos pensados pelo teórico social John Urry (2000, 2002, 2007) como navegação “imaginativa”, “virtual”, “comunicação móvel”, mas também eu quero insistir que é crucial não ser levado por ideias sobre existência digital desencarnada. Tecnologias da comunicação têm uma presença física no cotidiano, e seus usos envolvem precisamente os tipos de conhecimento que Seamon e Merleau-Ponty apontam. Por exemplo, Merleau-Ponty (1962, p.166) escreve que trata-se de “conhecimento nas mãos” – nos dedos e polegares –, e é este tipo de know-how digital ou habilidade manual que é evidente no uso habitual de controles remotos, telefones celulares e computadores.

Paralelo à noção de “corpo-sujeito”, Seamon (1979) introduz um termo complementar – “sentido-sujeito” –, no sentido de enfatizar as “intenções emocionais” ou ligações afetivas que se formam através do contato com ambientes cotidianos. Seamon (1979, p.70-71) então prossegue para argumentar que “forças do corpo e da emoção [...] se entrelaçadas” podem dar criar condições de estar no lugar do que ele chama de familiaridade, definida como um senso comum, “uma situação de estar confortável e familiar com o mundo cotidiano no qual se vive”. Em circunstâncias de “profunda familiaridade” há uma espécie de imersão em ambientes do cotidiano que Relph (1976) se refere como sendo uma introspecção existencial. Relph reconhece, no entanto, que esta introspecção existencial é apenas uma de muitas possibilidades de níveis de envolvimento com ambientes. Por exemplo, no extremo oposto do espectro está o que ele denomina de exterioridade existencial - “um senso de [...] não pertencer” – como aquele que deve ser sentido experimentado por alguém que passa a viver em uma nova cidade (Relph, 1976, p. 51).

Evidente, um entendimento fenomenológico de lugar tem potenciais limitações, e eu irei tocar em algumas delas (ver Moores, 2006, 2007; Seamon, 2006). Mais importante, há uma tendência por parte de geógrafos da fenomenologia que eu já mencionei de aproximar a criação de lugar como uma condição universal do estar geográfico, sem colocar ênfase suficiente no estudo das práticas e experiências cotidianas nas suas especificidades culturais e históricas. Dito isso, não há razão por que uma perspectiva fenomenológica não pode dar conta da especificidade, e do

compromisso com uma investigação empírica que claramente ajudaria aqui. Tem havido também a tendência por parte da geografia fenomenológica a ter uma visão excessivamente localizada sobre lugar. Apesar dos interessantes *insights* de Buttimer sobre “alcançar” (Buttimer, 1980) e a posterior discussão de Tuan do conceito de “coração cosmopolita” (Tuan, 1996), muito pouca atenção tem sido prestada ao que Massey (1994, p.5) chama de “mistura de links e interconexões” para um “além”. Por esta razão, é útil complementar os *insights* dos geógrafos da fenomenologia com mais entendimentos recentes sobre fluxos do trans-local ou mobilidades (ver Moores, 2008). Para completar, tem havido uma tendência relacionada à geografia fenomenológica que diz respeito aos aspectos das mudanças tecnológicas – em particular, o aumento das modernas tecnologias da comunicação – como causas do incremento da sensação de “não-lugar” (ver Relph, 1976; Seamon, 1979). No meu ponto de vista, esta é uma séria confusão, porque movimentos dos ambientes midiáticos – em combinação com movimentos físicos – podem contribuir de diversas maneiras para a criação de lugar. Na verdade, eu tenho um problema similar com versões subsequentes da tese do “não-lugar”, como encontrado nos livros de Joshua Meyrowitz (1985) e Marc Augé (1995), que são mais largamente citados na literatura dos mídia, comunicação e estudos culturais.

Os pontos fracos da geografia fenomenológica são compensados pelo que se considera sua força, e, muito embora esta perspectiva tenha sido desenvolvida três décadas atrás, prefigura certa tendência na teoria e pesquisa contemporâneas. Estou pensando especificamente na “teoria não-representacional” que é mais proximamente associada com escritos de Nigel Thrift (1999, 2004, 2007) em geografia hoje, e do trabalho que vem sendo feito por Tim Ingold e outros na antropologia social, sobre habitação, movimento e a “percepção do ambiente” (Ingold, 2000, 2004; Ingold & Vergunst, 2008). Estas aproximações têm muitas das mesmas rotas filosóficas que a geografia fenomenológica.

TEMAS DE PESQUISA

Para o restante do meu artigo, colocarei em foco o material empírico que emergiu da pesquisa sobre migração transeuropeia. Anteriormente, ofereci um breve retrato de uma mulher húngara chamada Petra, apontando para algumas de suas práticas e experiências – como “corpo-sujeito” e seus “sentimentos-sujeito” –, e usei aquele retrato para identificar quatro temas. Eu prometi ilustrar aqueles temas com referências a mais dados da entrevista, o que farei a partir de agora.

O tema 1 trata das primeiras impressões de migrantes transeuropeus na chegada à Grã-Bretanha. A situação de Petra em Londres – no início – poderia ser descrita, utilizando termos da geografia fenomenológica, como uma existência de exterioridade. Nem todos os entrevistados compartilham da mesma situação de exterioridade – notáveis exceções foram aqueles que já tinham

passado um período no exterior –, mas existem muitos dados iniciais de estranhamento e alienação. Aqui seguem alguns exemplos.

Há o caso de Simona, uma mulher lituana de Vilnius que também veio para viver em Londres. Embora ela tenha crescido na capital da Lituânia, e fez sua viagem para Londres esperando encontrar uma cidade bem maior que Vilnius, ela ainda estava esmagada pela escala e ritmo da vida urbana na capital inglesa. Simona diz: “Minha primeira impressão foi, ‘é imensa’.... algo maior do que eu esperava... era um grande aglomerado de pessoas. Era tão ocupada... eu não poderia compreender. Para mim, era como ‘oh meu Deus, eu consigo viver aqui?’”

Outro exemplo é o de Agnes, uma mulher húngara que – como Petra – tinha deixado Budapeste. No caso de Agnes, a mudança foi para Newcastle, onde ela estava trabalhando para uma grande empresa de computadores baseada na periferia da cidade. Ela explica que:

No início eu estava dirigindo, porque o transporte de ônibus lá era horrível, então eu tive que comprar um carro, dirigir do outro lado (da estrada), sentar no carro do outro lado. Eu não sabia onde estava, foi um grande desafio. Por um longo tempo, quando eu soube que tinha que dirigir para outros lugares, eu tive dor de estômago... estudar o mapa por uma hora e meia então, e uma vez chegando, meia hora para retomar o fôlego. Era assustador.

Seu desconforto, tanto físico como emocional, era causado precisamente pela falta de familiaridade – um não saber como lidar –, dado este desafio de dirigir num novo contexto nacional e ambiente urbano. Outro exemplo de exterioridade existencial – este tempo relacionado com o uso do transporte público – é evidente numa história contada por Honza, um tcheco que vivia em Londres: “Uma vez eu fui a Greenwich e, por erro, fui parar em Peckham Rye. Bem, eu não pertencia àquele lugar. E desde então eu estou muito mais sensível a conhecer a geografia de Londres”.

O tema 2 corresponde à gradual emergência de sentidos de lugar em novas condições físicas. Petra desenvolveu uma crescente familiaridade com – e sentimentos por – Londres, por aprender como encontrar seu caminho em partes da cidade em que ela morava. Sua criação de lugar envolveu alguns movimentos no exterior do ambiente que Seamon identifica, e há várias menções a esse hábito nos dados da entrevista.

Agnes, a mulher que lutou para dirigir ao redor de Newcastle, prossegue para revelar que seu medo de dirigir lá “desapareceu, depois de meio ano”. “Eu me tornei uma motorista rotineira”, diz ela, “descobrimo a cidade com pequenos passos”. Similarmente, um homem eslovaco chamado Boris, que era empregado como um motorista de van na Central de Londres – entregando comida para uma companhia de *catering* –, comenta que “se você trabalha numa área por dois anos então você descobre seu jeito, mesmo vendado”. Enquanto isso, para Marcin – um polonês trabalhando como auxiliar de serviços gerais no hospital de Edimburgo –, atos repetitivos

de dirigir e viajar de ônibus estavam ajudando a formar seu senso de lugar: “No meu jeito de trabalhar todos os dias, eu encontro as mesmas pessoas, apenas conhecendo de vista. A senhora vai na mesma hora e na mesma direção. É impressionante que nós estamos pegando o ônibus no mesmo lugar”.

Ele aponta para uma articulação entre retinas de tempo-espço em lugares públicos, que é um elemento no processo que eu gostaria de chamar de reestabelecimento da ordem cotidiana.

Além disso, certas atividades internas eram importantes para formações de familiaridades no cotidiano. Dois breves exemplos disso vêm da entrevista com Ilija, um homem esloveno de Ljubljana, que era empregado como pesquisador no departamento de ciências da Universidade de Londres. Ele fala sobre sentir-se confortável no prédio da velha livraria na sua universidade, ressaltando o “odor particular” do local. No estabelecimento privado de seu apartamento alugado, também, Ilija estava – em suas palavras – “em casa no banheiro”. Na universidade, ele criou o hábito de tomar “um longo banho” no final de cada dia – um pequeno ritual doméstico –, porque, como ele explica, “o chuveiro [de casa] não está funcionando”.

O tema 3 são reflexões tomadas anteriormente sobre noções estáveis de sentidos de lugar. A imersão em ambientes do cotidiano e sentidos de pertencimento que Relph chama de exterioridade existencial é particularmente difícil de investigar empiricamente. Ainda muitos dos entrevistados eram aptos a falar sobre aspectos de vida que tinham conhecido – praticamente e experimentalmente – antes de migrar. Um argumento fundamental a se colocar aqui é que migrantes transnacionais, seguindo um distúrbio de cotidiano, podem estar numa posição de refletir o que uma vez esteve dentro do domínio de conhecimentos pré-reflexivos.

No caso de Simona – a lituana que havia mudado, e eventualmente se estabelecido em Londres –, foram viagens ocasionais de volta para Vilnius que centraram suas reflexões sobre aquilo que anteriormente tinha sido tomado como garantido. Ela diz: “Quando eu volto lá eu realmente me sinto em casa, você sabe, andando em ruas de Vilnius. Sim, é diferente porque eu não moro mais lá, mas ainda me sinto em casa. Eu nunca tinha percebido isso antes de mudar, eu não tinha percebido como eu era ligada”.

Um exemplo bastante similar é provido por Honza, que descreve a visita à cidade onde ele cresceu: “Quando eu chego em Hradec, eu simplesmente conheço cada esquina, cada rua e todos os bares. Quando eu ando nas ruas... eu estou em casa”. Outra, um caso flagrante de alguém que podia olhar para trás numa antiga e despercebida introspecção é de Darek, um polonês que estava empregado como um limpador em Edimburgo. Ele declara que: “Eu amo a nossa cultura na Polônia. Agora, que eu vivo aqui, eu vejo isso... quando você tem alguma coisa no dia a dia que você não gosta, mas quando você tem isso apenas algumas vezes, quando você muda para outro

país e você não tem contato com o que tinha antes, você sente falta”.

Vale salientar também que alguns dos entrevistados sentiam que seus laços emotivos com os locais do passado no leste europeu estavam se afrouxando. Por exemplo, Magda – uma polonesa que vivia em Edimburgo, onde estava empregada como uma acompanhante de idosos – fala da seguinte forma sobre suas emoções quando fez uma visita à Polônia: “Eu senti como se pertencesse a este lugar antes, mas eu não pertenço a este lugar agora. Depois de alguns dias eu senti vontade de voltar para cá [Edimburgo]”.

Já o tema 4 trata do alcance facilitado pelo transporte transeuropeu e a comunicação. Pensando sobre as distintas características da migração contemporânea transeuropeia, é necessário levar em conta – entre outras coisas – a relativa proximidade da Grã-Bretanha com o leste europeu, em comparação com as distâncias envolvidas nas viagens entre, digamos, Europa e América do Norte ou Sul da Ásia. Claro, mover-se através de um continente é uma grande mudança, mas muitas cidades no leste europeu podem ser alcançadas da Grã-Bretanha em algumas horas, frequentemente por baratas tarifas de avião. Além disso, há a possibilidade de comunicação virtual instantânea via telefone e conexão de internet.

Considere-se o caso de Krzysztof, um polonês de Wroclaw que estava vivendo em Londres. Ele disse que: “o aeroporto de Gatwick é muito conveniente e do tempo que eu saio para o tempo que eu entro na casa da minha mãe leva apenas cinco horas.” Além disso, ele é apenas um dos muitos migrantes que citam seu potencial, sua facilidade, para fazer viagens de volta como um fator de escolha pela Grã-Bretanha como sua destinação. Para além disso, Krzysztof não estava apenas viajando de volta para Wroclaw por avião. Ele também mantinha uma familiaridade com a cidade por rotineiramente fazer viagens virtuais. Por ‘pelo menos meia hora por dia’, ele olhava um site que disponibilizava imagens de prédios em Wroclaw enquanto passava por um período de restauração. Ele explica que: “Existe um site chamado skyscrapercity. Pessoas tiram fotos e colocam num site, e na verdade eu conheço mais sobre o que está acontecendo na cidade do que minha mãe. Eu perguntei a ela, ‘você viu (um certo prédio)?”

Seu cotidiano de habitar no ambiente de mídia é similar ao de Petra e suas amigas húngaras, que regularmente checam “notícias de casa” na Internet – criando uma familiaridade lá – e há outras histórias nos dados de entrevistas com migrantes usando a internet dessa maneira. Por exemplo, Julius, um eslovaco que trabalha em Londres como programador de computadores, nos diz como ele assiste a imagens de webcams do rio Danubio congelado enquanto se senta em sua mesa de trabalho durante o intervalo.

No entanto, aquelas tecnologias que mediam as ligações com o leste da Europa às vezes são acompanhadas por um sentimento de desconexão das notícias da Grã-Bretanha e da

cultura popular. A maioria dos entrevistados não possuem televisão, preferindo tecnologias de comunicação com uma grande capacidade de mediação interpessoal, e frequentemente grande portabilidade. Aqui, por exemplo, Zsuzsanna – uma húngara que estava estudando na London College – fala sobre a sua exclusão de conversas entre colegas sobre um popular programa de TV: “Alguém disse alguma coisa sobre *Big Brother*, e eu não sabia sobre o que era, então perguntei e todo mundo se assustou, como se eu morasse em outro planeta - “oh meu Deus, você não conhece!”- , foi realmente embaraçoso”.

Similarmente, Julius se encontrou excluído de algumas das conversações sobre televisão entre colegas no seu escritório. Ele explica que as pessoas “conversariam sobre um programa, e você está completamente por fora porque ... você não está acompanhando aquilo”. No seu caso, o desconforto de ser deixado de fora eventualmente fez com que ele comprasse um cartão que lhe permitisse ver TV do seu laptop.

CONCLUSÃO

Como sempre, meu interesse aqui tem sido em práticas e experiências do cotidiano. Em relação à preocupação com o cotidiano, eu expliquei como eu me tornei interessado recentemente em lugar como uma realização prática e experiencial. O projeto em que trabalhei com Monika tem se preocupado com relações entre migração e criação de espaço. Eu tenho argumentado que sentidos despercebidos de lugar podem ser trazidos à tona precisamente quando vidas são desestabilizadas e passam por um processo de reconstrução. Eu também estou argumentando – com referências aos dados das entrevistas – que a criação de espaço está ligada ao que o filósofo Charles Taylor (2006, p.212) chama “um tipo de saber”, nossa habilidade ordinária de dar a volta. Hoje, esse dar a volta é feito numa mistura de ambientes físicos e midiáticos, e é possível estar em casa – como também ser um estrangeiro – nestes dois tipos de localização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGÉ, M. *Non-Places: Introduction to an Anthropology of Supermodernity*. Londres: Verso, 1995.
- BACHELARD, G. *The Poetics of Space*. Boston: Beacon Press, 1969.
- Buttimer, A. “Home, reach and the sense of place”. In: BUTTIMER, A. & D. SEAMON (orgs.). *The Human Experience of Space and Place*. Londres: Croom Helm, 1980.
- CASEY, E. “Body, self, and landscape: a geophilosophical inquiry into the place-world”. In: ADAMS, P., HOELSCHER, S. & TILL, K. (orgs.). *Textures of Place: Exploring Humanist Geographies*. Minneapolis: University of Minnesota Press,

2001.

CASTELLS, M. *The Information Age: Economy, Society, and Culture – Volume 1: The Rise of the Network Society*. Malden: Blackwell, 1996.

COULDRY, N. *The Place of Media Power: Pilgrims and Witnesses of the Media Age*. Londres: Routledge, 2000.

GIDDENS, A. *The Consequences of Modernity*. Cambridge: Polity, 1990.

Harvey, D. *The Condition of Postmodernity: An Enquiry into the Origins of Cultural Change*. Oxford: Blackwell, 1989.

HEIDEGGER, M. “Building, dwelling, thinking”. In: _____. *Poetry, Language, Thought*. Nova York: Harper and Row, 1971.

INGOLD, T. *The Perception of the Environment: Essays in Livelihood, Dwelling and Skill*. Londres: Routledge, 2000.

_____. “Culture on the ground: the world perceived through the feet”. In: *Journal of Material Culture*, 9(3), 315-340, 2004.

INGOLD, T. & Vergunst, J. (orgs.). *Ways of Walking: Ethnography and Practice on Foot*. Aldershot: Ashgate, 2008.

MASSEY, D. *Space, Place and Gender*. Cambridge: Polity, 1994.

MERLEAU-PONTY, M. *Phenomenology of Perception*. Londres: Routledge and Kegan Paul, 1962.

MEYROWITZ, J. *No Sense of Place: The Impact of Electronic Media on Social Behavior*. Nova York: Oxford University Press, 1985.

MOORES, S. “The doubling of place: electronic media, time-space arrangements and social relationships”. In: COULDRY, N. & McCARTHY, A. (orgs.). *MediaSpace: Place, Scale and Culture in a Media Age*. Londres: Routledge, 2004.

_____. *Media/Theory: Thinking about Media and Communications*. Londres: Routledge, 2005.

_____. “Media uses and everyday environmental experiences: A positive critique of phenomenological geography”. *Participations: Journal of Audience and Reception Studies*, 3(2) (<http://www.participations.org>), 2006.

_____. “Media and senses of place: on situational and phenomenological geographies”. In: Media@lse electronic working paper 12, London School of Economics and Political Science (<http://www.lse.ac.uk/collections/media@lse>), 2007.

_____. “Conceptualizing place in a world of flows”. In: HEPP, A., KROTZ, F.,

- MOORES, S. & WINTER, C. (orgs.). *Connectivity, Networks, and Flows: Conceptualizing Contemporary Communications*. Cresskill: Hampton Press, 2008.
- _____. “The box on the dresser’: memories of early radio and everyday life”. In: CRISELL, A. (org.). *Radio – Volume 3: Audiences, Identities and Communities*. Londres: Routledge, 2009.
- MORLEY, D. *Home Territories: Media, Mobility and Identity*. Londres: Routledge, 2000.
- _____. *Media, Modernity and Technology: The Geography of the New*. Londres: Routledge, 2007.
- RANTANEN, T. *The Media and Globalization*. Londres: Sage, 2005.
- RELPH, E. *Place and Placelessness*. Londres: Pion, 1976.
- SCANELL, P. *Radio, Television and Modern Life: A Phenomenological Approach*. Oxford: Blackwell, 1996.
- SEAMON, D. *A Geography of the Lifeworld: Movement, Rest, and Encounter*. Nova York: St Martin’s Press, 1979.
- _____. “Body-subject, time-space routines and place-ballets”. In: BUTTIMER, A. & SEAMON, D. (orgs.). *The Human Experience of Space and Place*. Londres: Croom Helm, 1980.
- _____. “A Geography of the Lifeworld in retrospect: A response to Shaun Moores”. *Participations: Journal of Audience and Reception Studies*, 3(2) (<http://www.participations.org>), 2006.
- SILVERSTONE, R. *Television and Everyday Life*. Londres: Routledge, 1994.
- TAYLOR, C. “Engaged agency and background in Heidegger”. In: GUIGNON, C. Guignon (org.). *The Cambridge Companion to Heidegger*. Nova York: Cambridge University Press, 1996.
- THRIFT, N. “Steps to an ecology of place”. In: MASSEY, D., ALLEN, J. & SARRE, P. (orgs.). *Human Geography Today*. Cambridge: Polity, 1999.
- _____. “Summoning life”. In: CLOKE, P., CRANG, P. & GOODWIN, M. (orgs.), *Envisioning Human Geographies*. Londres: Arnold, 2004.
- _____. *Non-Representational Theory*. Londres: Routledge, 2004.
- TOMLINSON, J. *The Culture of Speed: The Coming of Immediacy*. Londres: Sage, 2007.
- TUAN, Y. *Space and Place: The Perspective of Experience*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1977.

_____. *Cosmos and Hearth: A Cosmopolite's Viewpoint*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

URRY, J. *Sociology beyond Societies: Mobilities for the Twenty-First Century*. Londres: Routledge, 2000.

_____. *Mobility and proximity*. *Sociology*, 36(2), 255-274, 2002.

_____. *Mobilities*. Cambridge: Polity, 2007.

Tradução do original em inglês de Sofia Zanforlin.

SHAUN MOORES é professor de Mídia e Comunicação no Centro de Estudos de Mídia e Estudos Culturais, Universidade de Sunderland, Reino Unido. Ele é também professor visitante de Comunicação na Faculdade de Estudos Culturais, Universidade de Bremen, Alemanha. É autor de *Interpreting Audiences: The Ethnography of Media Consumption* (Sage, 1993), *Satellite Television and Everyday Life: Articulating Technology* (John Libbey Media, 1996), *Media and Everyday Life in Modern Society* (Edinburgh University Press, 2000), e *Media/Theory: Thinking about Media and Communications* (Routledge, 2005).

Submetido: 01/04/2009.

Aceito: 10/05/2009.